

O COTIDIANO AMANHADO: DESCONTINUIDADE E ENCANTAMENTO

ANA PAULA AZEVEDO BARBOSA¹; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – anater.ceramica@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente texto aborda uma parte de meu processo de criação, a constituições de jardins como atividade e produção artística na arte contemporânea. Os trabalhos *Iresine herbstii erectos* – vídeo e flipbook, realizados no fim do ano de 2012 e início de 2013, são parte de um conjunto de proposições que chamo de Sítios de cultivo. São trabalhos que utilizo diferentes dispositivos pra apresentar e compartilhar uma experiência relacionada a prática cotidiana da jardinagem, em um contexto de arte. Para embasar esta reflexão utilizo autores como Michel de Certeau que mostra caminhos possíveis de atuar de forma criativa no cotidiano, e José Luiz Kinceler que discorre sobre as noções de descontinuidade e encantamento em arte. As questões em torno da ideia de cotidiano amanhado referem-se às práticas de cuidado dedicadas ao cultivo e elaboração do jardim. A palavra amanhada designa cultivo, cultivar e cuidar da terra para que produza. No caso, cultivar e cuidar dos gestos e ações no cotidiano.

2. METODOLOGIA

Utilizo a metodologia da pesquisa em poéticas visuais, em que o artista pesquisador versa sobre seu processo de criação articulando a teoria com a prática artística, denotando conceitos operatórios, artistas referenciais, o contexto e os procedimentos técnicos e formais. Ou seja, parto da investigação da prática em ateliê, da experiência da criação, do meio como ponto de partida (REY, 2002), enquanto ocorre a instauração de meus jardins poéticos.

Pesquisa em arte com ênfase em poéticas visuais, delimita o campo do artista-pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho plástico, assim como a partir de questões teóricas e poéticas, suscitadas por sua prática. (REY, 2002)

Os dois trabalhos que chamo de *Iresine herbstii erectos (alerta)* foram elaborados a partir da observação acerca de como a planta reage quando regada. Já havia percebido que essa planta específica ficava totalmente murcha com poucos dias sem água. Depois de aguada, levou uma manhã inteira para que a planta hidratasse por completo. Foi observando esta planta todas as vezes que esse processo acontecia que pensei utilizá-la como trabalho em uma prática poética.

A partir de então, fotografei a planta se erguendo durante uma manhã, com intervalos menores que um minuto, sendo que não pude me afastar um momento sequer, pois seu movimento é contínuo e muito rápido, considerando o tempo do mundo vegetal. Repeti esse procedimento três vezes antes de acertar o enquadramento e conseguir acompanhar todo movimento dela. Depois do registro passei para a escolha, edição das imagens e elaboração dos dispositivos. Ambos são originários das mesmas 244 fotografias tiradas da planta *Iresine herbstii*

durante uma manhã. Sendo assim, me apropriei de duas formas de apresentação que revelassem a transformação da planta depois de ser regada, de ter sido amanhada, acontecimento do cuidado, ocorrências recorrentes num jardim, que de certa maneira podem ser cotejadas num dispositivo artístico.

Para que eu pudesse apresentar o registro fotográfico de uma maneira que o espectador pudesse ver e acionar a transformação da planta, desenvolvi um livreto com características de um flipbook, que é uma coletânea de imagens organizadas de forma sequencial na configuração de um pequeno livro (fig.1). As 144 imagens escolhidas e usadas, depois de impressas foram organizadas de forma que obedecesse a sequência do registro, e que depende da manipulação da pessoa. O outro dispositivo, um vídeo (fig.2) no formato stopmotion, com 661 fotografias, que é acionado a partir do *start*.



Figura 1

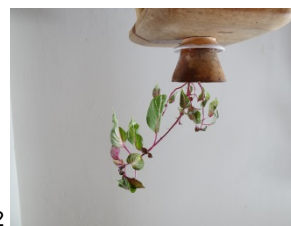


Figura 2

O nome do trabalho *Iresine herbstii* é o nome da planta, como complemento, *erectos*, em latim *alerta*, para figurar o movimento dela se erguendo com a manipulação do flip book e o *start* do vídeo. O vídeo foi apresentado em uma mostra de vídeos no Espaço de arte contemporânea Triplex em agosto de 2013, exibi em 59 segundos o que a planta levaria uma manhã inteira pra fazer.

No início de minha pesquisa em poéticas visuais, conheci as reflexões do francês Michel de Certeau (1996), o que possibilitou pensar e dirigir um olhar atento sobre o jardim de minha casa, e as práticas recorrentes de cuidado necessário para mantê-lo vigoroso e em constante crescimento. A partir de então, procurei formas de re praticar e apresentar a ação de cultivo e cuidado com as plantas na produção artística.

Certeau revela que no espaço privado de nossa casa, “se repetem em número indefinido em suas minuciosas variações as sequências de gestos indispensáveis aos ritmos do agir cotidiano” (CERTEAU, 1996, p.205). Penso que ao re praticar as ações cotidianas, podemos perceber a diferença entre o gesto feito comumente e o gesto pensado, refletido e direcionado à arte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cuidado em minha produção se refere ao cultivo e é uma prática diária, regando, alimentando, retirando ervas daninhas, procurando o melhor lugar para que absorva mais ou menos luz solar. O flipbook e o vídeo são uma maneira de revelar o acontecimento do cuidado, de regar a planta, que existe em ambiente reservado, íntimo da casa. Nas imagens, a planta se ergue com a água que coloco no vaso, mas também no livro, a plantinha é ativada pela manipulação do outro, quando pega em suas mãos e folheia as páginas, fazendo com que a planta se erga, fique ereta. Os trabalhos me possibilitaram desenvolver uma produção impressa que terá uma tiragem e poderá ser compartilhada por outros meios, diferentemente de outros trabalhos que são expostos em uma Galeria, onde o espectador tem que se dirigir a ela pra conhecer as obras ali expostas. Este pequeno livro me permite compartilhar o trabalho em qualquer lugar, posso andar com ele na bolsa e mostrá-lo onde quiser.

4. CONCLUSÕES

Descobri no percurso desta pesquisa, que é também na infância, que me ascende e aciona a criar e construir estes jardins, que me provocam encantamento e me motivam a repensá-los como prática artística. Encantamento do mundo, deleite através do cuidado e cultivo de plantas. Este encantamento a que me refiro é no sentido definido por José Luiz Kinceler, que fala em:

Ficar encantado com nosso percurso, com os resultados que produzem o processo criativo. Consciência de que os outros sentidos para nossa existência estão sendo alcançados. [...] É abrir um entre, um intervalo, uma pausa dinâmica na realidade, um espaço-tempo de atuação capaz de provocar devires. [...] Uma proposta quando encanta permite seu propositor rever suas formas de entender o mundo, devires que abrem em potência outras formas de reinventar o cotidiano. (KINCELER, p. 1797, 2008)

Quando cuido de meu jardim procurando formas de apresentá-lo em um contexto de arte, produzo uma descontinuidade em minha prática habitual de cultivo, pois não me dedico simplesmente ao cuidado das plantas de minha casa, regar, acrescentar terra e húmus aos pequenos viventes, mas a pensar estes procedimentos em um trabalho que será compartilhado com outros. Segundo Kinceler (2008), a descontinuidade é aquela que causa algum tipo de estranheza, de deslocamento da realidade. Para o espectador, a descontinuidade é feita pelo material que utilizo como objeto, como estudo. Minha atenção e cuidado são deslocados da forma habitual e cotidiana, a medida que preciso pensar em dispositivos variados de apresentação, em formas de revelar o que ocorre a partir de ações cotidianas de cuidado. No vídeo, a descontinuidade acontece quando viro a planta de cabeça pra baixo, e ao invés dela estar se erguendo para alto, fica ereta para baixo. Igualmente quando o outro manipula o flipbook, ele também ergue a planta, participa de uma prática, mesmo que simbolicamente, de cuidado.

O desafio está na escolha e forma como vou compartilhar, revelar o que acontece com os gestos de cuidado e cultivo que envolvem meu dia, diretamente relacionados a jardinagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. GIARD, L. MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

KINCELER, José Luiz. **As noções de descontinuidade, empoderamento e encantamento no processo criativo de “vinho saber – arte relacional em sua forma complexa”**. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais**. In: BRITES, Blanca. TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4)